

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Cultura Visual: O que podem as cartografias?

Mayara Perinni de Aguiar

Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes

mayara.p.aguiar@ufes.br

Hedeone Heidmam da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes

hedeone.silva@edu.ufes.br

Sebastião Rafael Inacio da Cruz

Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes

sebastiao.cruz@edu.ufes.br

Resumo

A partir da provocação de José Saramago - “se podes ver, repara” - problematizamos a centralidade dada a visão na cultura ocidental, em especial, na cartografia. Se é através da visão que são organizadas a produção científica bem como a política do espaço, cabe a nós indagar: em que medida a cultura visual cartográfica agencia nossas imaginações geográficas? Dialogamos com autoras como Massey (2017), Hollman (2016), Girardi (2012) e com o autor Oliveira Jr., (2011) na intenção de compreender como imagens cartográficas fazem mais do que apresentar o espaço, elas nos educam a ver o mundo por determinadas ideologias, como a do Estado, assim operam como dispositivos. Na direção de outras formas de pensar sobre o espaço, buscamos com as práticas artísticas a potência para profanar esse regime visual. A apropriação da linguagem cartográfica pela arte devolve ao mapa seu uso comum, o que permite abri-lo para experiências corporais: “sentir-ver” (Lo Presti, 2018). Nesse processo, apresentamos algumas obras da artista contemporânea Marina Camargo, por desestabilizarem a aura de autoridade cartográfica. Propomos pensar a cartografia para além de uma técnica de espacialização de dados, e sim como uma prática social, estética e política. Mais do que respostas exatas e precisas, nosso trabalho deseja criar linhas de fuga com as cartografias: o que podem as cartografias quando agenciadas pela arte e pela vida?

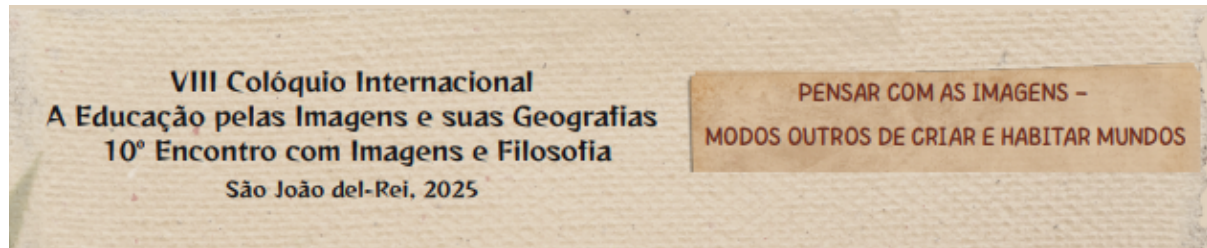
Palavras-Chave: Cartografia e arte; imaginação geográfica; dispositivos.

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

José Saramago

Um tipo de cegueira desconhecido até agora, com todo o aspecto de ser altamente contagioso.

José Saramago



Logo que coloquei os pés na cidade, tudo que imaginava foi esquecido; Pirra tornou-se o que é Pirra.

Italo Calvino

A visão tornou-se prioridade na cultura ocidental. O pensamento moderno pauta sua construção no ver, vemos para crer, vemos para criar (ou deixar de criar). Na ciência moderna a visão é uma prática social. Não basta ver, tem-se que reparar. Interessante pensar que essa epígrafe está no livro “Ensaio sobre a cegueira” de Saramago. A epidemia de perda da visão faz com que o corpo seja recordado, os outros sentidos se aguçam, audição, tato, o corpo sensível para além da visão. E se a frase for deslocada para outro acontecimento? Reparar talvez seja olhar de novo ou talvez experimentar com o corpo, rasgar uma cultura visual imposta. E se, na verdade, a visão como prática social for uma doença altamente contagiosa?

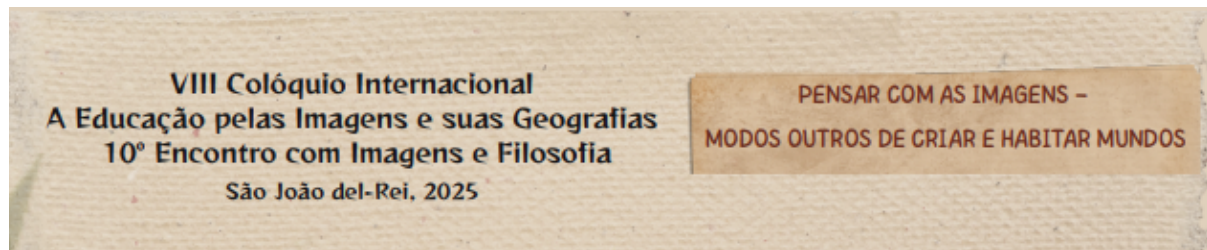
PONTO DE PARTIDA... e linha para perder-se

Massey (2017) diz que nossas imaginações geográficas são construídas por imagens e narrativas sobre acontecimentos. Concordamos com ela e percebemos essa construção, também, pelos mapas: os mapas no educam e ficionam o real pela ideologia do Estado (Oliveira Jr., 2011), podem ser generalizados através de uma ideia comum sobre o que é o mapa, o que reverbera na imagem que vem à mente quando pensamos em mapas (Girardi, 2012). Como acontece em Pirra, a imaginação constrói um espaço, que só pode ser refutado pela experiência corporal no território.

Reparar, aqui, também pode ser o momento de lançar uma crítica à maneira como comumente usamos/olhamos às imagens, nem sempre, ou mesmo nunca, elas dizem ou são a verdade sobre o espaço-tempo. Hollman (2016) diz que “a virada visual convida-nos sem dúvida a questionar se as imagens que produzimos, estudamos e oferecemos a partir da disciplina têm o poder de afetar as nossas experiências espaciais e de vislumbrar processos que ainda nos iludem na sua apreensão.” (Hollman, 2016, p.535 – tradução nossa)

Nosso interesse dentro da Geografia e da Educação geográfica é investigar a cultura visual cartográfica. Na Geografia à cartografia é legada a responsabilidade de descrever e representar o espaço. Pois isso, entende-se relevante a análise da cultura visual cartográfica e suas interferências na maneira como pensamos sobre o espaço e na construção de nossas imaginações geográficas.

Assim, temos algumas questões mobilizadoras: A cultura visual cartográfica tem relação com a construção da nossa imaginação geográfica? O modo como pensamos sobre o espaço é afetado pela cultura visual cartográfica? Quais práticas cartográficas podem profanar esse



regime visual? Venha, leitor(a), vamos nos colocar a pensar sobre a cartografia, sem esquecer do quanto ela está entrelaçada com e pela vida.

Cultura visual cartográfica: o que pode a Cartografia?

Em nossas rotinas diárias, as geografias se espriam em relevo, vegetação, rio que agora “é” valão, paisagem, toponímia, faz curva com a industrialização e pulsa no ir e vir do ônibus lotado, do carro vazio de ar condicionado, no cheiro de poluição. O corpo pelo espaço produz mapeamento, mas dificilmente você encontra isso em um mapa. Justamente aí, se encontra um grande desafio para a Cartografia: relacionar espaço e tempo em um mesmo mapa. Contar a história e a geografia.

Na contramão de resolver esse desafio, os caminhos traçados pela ciência cartográfica moderna, nos conduziram à espacialização dos dados. Espacializar, é mesmo científico, tira a magia do mapa, escoo para fora da imagem as possibilidade de criação, reproduz dados e gera um produto. “Isto enquadra-se em uma longa história de progresso na cartografia: a arte transforma-se em ciência, os desenhos floridos tornam-se uma exibição formal, o cartógrafo nomeado torna-se um anônimo técnico.” (Dodge; Kitchin; Perkins, 2011, p.117, tradução nossa)

Na esteira desse progresso, passou a existir para os mapas “o oficial, como sinônimo do certo, que tem um peso tal que leva o indivíduo a negar suas próprias referências de vida, de história, de relações sociais.” (Girardi, 2009, p.155) E, neste caso, o oficial é capturado e ficcionado pelo Estado:

esta “obrigatoriedade cartográfica” a quase onipresença do molde político nos mais variados tipos de mapas naturaliza esta forma de pensar o espaço a partir daquilo que os mapas nos dão a ver, ou seja, o modo como o Estado, enquanto forma social, pensa este espaço e o utiliza na manutenção de seu poder (Oliveira Jr., 2011, p.5-6).

Assim, o oficial cerceia o direito ao mapeamento intrínseco aos seres humanos, pelo menos no que tange às diferenças. Ainda que muitas pessoas façam mapas, mesmo fora do eixo da formação acadêmica de especialistas da área (Wood, 2003), convergimos para uma homogeneidade dos resultados. As técnicas de uso dos Sistemas de Informação Geográfica padronizam as formas de fazer dos mapas, assim padronizam também o produto.

Tais práticas se ancoram em bases oficiais do Estado, ou se transmutam em “novas” bases, que não são oficiais, mas exercem seu poder sobre nossas imaginações geográficas, como o *Maps* da empresa *Google*. Antes era apenas o Estado naturalizando sua existência em mapas, “fazendo com que a forma Estado seja deslocada para os confins dos tempos, ao invés de pensada como muito recente na história da própria humanidade, para não dizer da história da natureza.” (Oliveira Jr., 2011, p.10) Agora nossas imaginações são agenciadas também por outros dispositivos, como o *Maps*, mencionado a pouco.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

A cultura visual cartográfica aprisiona/captura nossas imaginações e nosso direito de mapear, ao nos impor um modo de ver, nos impede de olhar por diferentes perspectivas e de experienciar com todo o corpo. Assim atua como dispositivo à medida que se apoia num discurso científico oficial (cartesiano), fundamentado em um olhar cartográfico (de cima/superior), propagado pelo Estado (por meio dos órgãos oficiais de mapeamento) e apoiada num suporte tecnológico (plataformas online e SIG).

Um conjunto de forças, que se estabelece como uma rede, para uma função estratégica. Captura o olhar, em uma única visão de mundo, dando a sensação de “fazer parte”, de ser contagiado, por “uma doença altamente contagiosa”. Um exemplo da captura de nossas imaginações é “quando a imagem primeira de um mapa que nos vem à mente é a que valoriza o estado (seja nos mapas-múndi, seja no mapa do Brasil) significa que uma política de imaginação espacial está a agir em nós.” (Girardi, 2012, p.41)

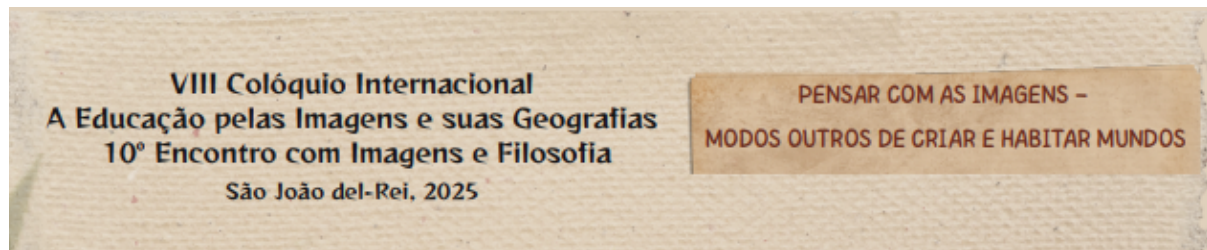
Somos educados a ver e olhar por essa cultura visual, mas há maneiras alternativas de pensar que fogem desse padrão imposto. E isso requer estratégias do nosso corpo-a-corpo com as imagens cartográficas para criar linhas de fuga, tais medidas não se reduzem a simplicidade, pois se trata de nada menos que liberar o que foi capturado e separado pela cultura visual cartográfica impossibilitando outras formas de imaginar (Agamben, 2009).

Enquanto estratégia propomos reaprender a olhar para as imagens cartográficas ascendendo as dimensões de vida, dando a elas mais visibilidade/notoriedade, traçando, ou não, outras linhas. Reaprender a pensar sobre o mapeamento, entendendo-o como uma prática social corporificada, e não apenas como uma atividade profissional ou técnica. Para isso propomos o encontro com outras práticas cartográficas, inspirados pelas aberturas feitas por Crampton e Krygier (2006), quando os autores nos apresentam no termo “mapeamento crítico” outras possibilidades potentes para o mapeamento.

Imaginações geográficas: o que podem as cartografias?

Após a crítica teórica da cartografia abrir espaço para modos alternativos de mapeamento, coube a uma variedade de praticantes explorar, na prática, o seu significado. Nesse processo, destacamos as reapropriações e experimentação com mapas realizada pela comunidade artística, que se apropriou dos mapas explorando outras formas de representação e atribuindo-lhes papéis significativos na produção de sentidos geográficos (Casey, 2002; Kanarinka, 2006). Sendo assim, o que podem as cartografias em diálogo com a arte?

As relações entre cartografia e arte, dentro do movimento da cartografia crítica contemporânea, tem se mostrado fértil para pensar outros possíveis para a cartografia. Fazem isso ao deslocar a linguagem cartográfica para o viés expressivo, desestabilizando as forças tributárias da institucionalização, que toma o mapa apenas como objeto informativo e



descritivo. Os artistas e coletivos ao tensionar a linguagem cartográfica no seu processo, trazem para o debate a ubiquidade do mapeamento. A arte, nesse sentido, não apenas reconfigura convenções disciplinares, mas também inaugura uma dimensão política e sensível, capaz de tensionar os usos instituídos da cartografia.

Trazemos para o diálogo a noção de profanação, entendida como contradispositivo que restitui ao uso comum. Indicamos enquanto gestos profanos os processos artísticos e de experimentação de arte com e pela cartografia, uma vez que “traçar outras linhas, retocar e reacender as linhas das dimensões da vida é, então, profanar. É tensionar o que está posto, é reaproximar a imagem da realidade.” (Agamben, 2007, p. 67) Então, mais do que descrever territórios, o diálogo entre arte e cartografia dá abertura a outros modos de pensar e viver pelo espaço.

Nesse sentido e na contramão da cultura visual imposta, propomos através da arte, profanar com as imagens e com o corpo. Para isso, dialogamos com Lo Presti (2018) que, ao analisar mapas e mapeamentos artísticos, indica que a leitura de imagens e dados deve envolver o entrelaçamento corporal do sentir e ver, denominando-a de “sentir-ver”. Ver como ato de observação e interpretação, e sentir como experimentar materialmente a partir das sensações. O corpo ganha destaque ao abrir para outros sentidos além da visão.

Percebemos, então, que retirar o oficial do mapa e profanar sua aura de autoridade têm sido características marcantes do encontro entre arte e cartografia. Nessa direção, escolhemos a artista contemporânea Marina Carmargo, que em sua exposição Onde a Terra dobra (2023)¹, parte do princípio que todo mapa guarda uma dimensão ficcional. Ao manipulá-los como objetos de criação, transforma-os e reestrutura as narrativas cartográficas, alterando os sentidos (históricos, econômicos, políticos e sociais) que regem essas representações. Ela atualiza a mensagem do mapa sem a pretensão de fechá-los em si mesmo. Seus trabalhos são uma materialização das imaginações espaciais que ocorrem na exploração das frestas abertas entre o desenho dos mapas (ou qualquer forma de linguagem representacional) e sua interpretação, a partir da experiência de deslocamento que também é pessoal e corpórea.

Nas suas produções sobre diversos suportes - forma bidimensional (desenhos, fotografias ou pinturas) e/ou em instalações tridimensionais (borracha ou metal), Marina Camargo em um gesto de desfazimento cartográfico e mapeamento ubíquo, atribui uma corporeidade aos mapas não pertencente à sua própria natureza, remetendo a uma dimensão escultórica das formas, que Lo Presti (2018) vai chamar de mapa-arte.

1

<https://www.premiopipa.com/2023/02/marina-camargo-questiona-representacoes-cartograficas-na-individual-on-de-a-terra-dobra/>

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Na obra *Distância do Espaço*², Marina Camargo cria uma instalação que projeta uma sombra de Xangai na parede através da luz de uma que penetra um latão recortado sob um suporte. Numa observação atenta e demorada, nota-se que enquanto o painel de latão descreve o mapa de ruas da cidade, sua sombra retrata os lagos e rios de Xangai. A artista propõe uma reflexão sobre a construção das representações das imagens que se faz dos espaço-tempo, e, ao fazer isso, contribui para a atualização (aberta) de fazeres outros com a linguagem e objetos que circulam pela cultura visual.

São diversos os trabalhos realizados no campo das artes no encontro com a cartografia, pois “de um modo geral, o objeto cartográfico absorve ricamente diversas formas, conteúdos, informações, visões, sugestões, narrativas e contra narrativas que inspiram constantemente novas pesquisas, obras de arte e ativismo.” (Lo Presti, 2018)

(Mais aberturas do que) Conclusões

Propomos, nesse artigo, um gesto relacional com imagens (cartográficas ou não) de fazê-las arder (Girardi, 2017). Não no sentido de destruí-las, mas em não ser capturado pelo sensível visível da imagem, porque ela é fragmento, memória do que estava em torno dela e foi destruído de um incêndio do contato entre a imagem e o real na sua criação (Girardi, 2017). Nesse movimento interrogamos a autoridade das imagens cartográficas para em seguida recolocá-las em uso comum. Justamente aí temos o encontro entre a crítica à cultura visual cartográfica e a profanação de Agamben (2009) - tencionamos a rede de dispositivos que nos impõe um regime visual para experimentar outra vez com o corpo, abertos ao sensível e a outras possibilidades imaginar o espaço.

Quando profanamos aqui, desejamos deslocar os mapas de sua função técnica e disciplinar, para então devolvê-los e devolver à eles a vida, criando linhas de fuga que possibilitem outros encontros entre espaço, corpo e imagem. Tal ação é uma maneira possível de interrogar as imagens que nos atravessam e influenciam a constituição da nossa imaginação geográfica, como alerta Massey (2017). Pensar a cultura visual das imagens através de dispositivos se mostra como um exercício alternativo nos trabalhos imagéticos em Geografia.

Ao tomar consciência de que as imagens educam, num gesto demorado de reflexão, busca-se contrapor às forças estruturantes que se manifestam na observação passiva e rápida, permitindo ao corpo agenciar-se pelas conexões criadas no encontro de outras experiências e memórias e sensações e acontecimentos e...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

² <https://marinacamargo.com/portfolio/distancia-no-espaco/>

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009, 92 p.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASEY, Edward. S.. *Representing Place: Landscape Painting and Maps*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2002.

CRAMPTON, Jeremy W.; KRYGIER, John. Uma introdução à cartografia crítica. In: ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2006. p. 85-111.

DODGE, M.; KITCHIN, R.; PERKINS, C. (Eds.) **The Map Reader: Theories of Mapping Practice and Cartographic Representation**. Chichester: John Wiley & Sons, 2011.

GIRARDI, Gisele. Arte e mapeamento ou como fazer um mapa arder?. In: SOBRENOME, Nunes, Flaviana Gasparotti.; Novaes, Ínia Franco. (Org./Ed.). **Encontros, Derivas, Rasuras: potências das imagens na educação geográfica**. Uberlândia (MG): Editora Assis, 2017. p.1-264.

_____. Mapas alternativos e educação geográfica. **Percursos**, Florianópolis, v.13, n. 02, p. 39-51, jul./dez. 2012.

_____. Mapas desejanter: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 147-157, set./dez. 2009.

HOLLMAN, Verónica. Ante las imágenes: los desafíos del giro visual para la geografía. **Geosp – Espaço e Tempo (Onli-ne)**, v. 20, n. 3, p. 518-535, mês. 2016. ISSN 2179-0892.

KANARINKA. Art-machines, body-ovens and map-recipes: Entries for a psychogeographic dictionary. *Cartographic Perspectives*, n. 53, p. 24-40. 2006.

LO PRESTI, Laura. Extroverting Cartography. “Seensing” maps and data through art. **Journal of Research and Didactics in Geography (J-READING)**, 2, 7, Dec., 2018, pp. 119-134 DOI: 10.4458/1682-11.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**. Niterói, Universidade Federal Fluminense, Vol.19, N°40, 2017: mai/agos.

_____. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. A educação visual dos mapas. **Revista Geográfica da América Central**. Costa Rica: Número Especial EGAL, p. 1-16, 2011.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

PICKLES, John. **A History of Spaces**: Cartographic Reason, Mapping and the Geo-Coded World. Psychology Press, 2004.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WOOD, Denis. Cartography is dead (Thank god!). *Cartographic Perspectives*, NACIS, n. 45, 2003, p. 4-7.